

A PSICOLOGIA NA CARREIRA DO POLICIAL MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS

PSYCHOLOGY IN THE CARRER OF THE MILITARY POLICE OF THE STATE OF GOIÁS

FERNANDES, Mário de Melo Lares ¹
DE SOUZA, Adailma Alves ²
SAMARIDI, Isadora ³

RESUMO

Este estudo busca compreender a importância da psicologia na atuação do policial militar, visto que este profissional passa pelas mais variadas situações de stress físico e emocional no decorrer de sua carreira. Este profissional é caracterizado pelo Estado como garantidor da lei e da ordem, sendo então um ser que merece ter uma atenção especial no que tange à sua saúde mental. Foram analisados diversos artigos e publicações relacionadas ao tema, que resultou no entendimento da necessidade do acompanhamento psicológico deste profissional possibilitando concluir a importância da saúde mental do policial aliando à estudos de fatos envolvendo sua atividade para o desenvolvimento deste trabalho, buscando esboçar da forma mais clara possível as ideias relacionadas ao tema.

Palavras chave: Policia. Psicologia. Risco. Saúde Mental.

ABSTRACT

This study seeks to understand the importance of psychology in the performance of the military police, since this professional goes through the most varied situations of physical and emotional stress in the course of his career. This professional is characterized by the State as guarantor of law and order, being then a being that deserves special attention in regard to his mental health. A number of articles and publications related to the subject were analyzed, which resulted in the understanding of the need for the psychological monitoring of this professional, making it possible to conclude the importance of the mental health of the police by combining the study of facts involving their activity for the development of this work, seeking to sketch more clearly possible ideas related to the topic.

Keywords: Police. Psychology. Risk. Mental Health

¹ Aluno do Curso de Formação de Praças do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás - CAPM, mariodmlf@gmail.com; Goiânia - GO, Maio de 2018

² Professora orientadora: Especialista, professora do Programa de Pós-Graduação e Extensão do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás - CAPM, adailmapsi@gmail.com; Goiânia - GO, Maio de 2018

³ Professora co-orientadora: Mestre em Psicopatologia Clínica e Psicologia da saúde, isasamaridi@gmail.com; Goiânia - GO, Maio de 2018.

1 INTRODUÇÃO

Segundo reflexões de diversos psicólogos, a psicologia é caracterizada como uma ciência que estuda o comportamento e a mente humana, com o objetivo do ser humano se auto definir e se sentir bem consigo próprio e com as demais pessoas com quem se relaciona no ambiente à sua volta.

Este trabalho se refere à reflexão da importância da psicologia e de seu acompanhamento frente à atividade policial militar no estado de Goiás, uma vez que este policial sofre por um grande desgaste em referência as suas atividades profissionais, aumentando a possibilidade de transtornos e sujeitando-o a desarranjos psicológicos. São vários os fatores que permeiam as condições de trabalho do policial militar e que devem ser considerados na identificação das causalidades dos desarranjos psicológicos: estresse e falta de qualificação profissional, condições de trabalho insatisfatórias, além de uma necessidade de não se fragilizar em relação ao tempo e de se parecer superior ao mesmo, dentre outros (JESUS, 2001). Especifica-se aqui fatores presentes em diversos campos de atuação profissional, mas que especificamente na função de policial militar tornam-se mais intenso estas particularidades.

O Estado caracteriza o policial militar como o principal garantidor da lei e da ordem em seu território, competindo a este segundo à Constituição Federal o policiamento ostensivo e a preservação da ordem pública. Este profissional de segurança pública está sujeito as mais variadas intervenções na sociedade para garantir que tal ordem social seja mantida, assim esse fator aliado a vários outros, contribui para que o mesmo acabe por sofrer diversas complicações psicológicas e psíquicas ao longo de sua carreira.

Discorrendo sobre este tema surge o seguinte problema de pesquisa: Qual é a importância da psicologia na carreira do policial militar goiano? Este artigo está baseado nesta temática visando aprimorar o entendimento sobre a questão exposta acima.

Neste sentido, o presente estudo tem por objetivo compreender a importância da psicologia na carreira do policial militar de Goiás, visto que esta profissão está sujeita as mais diversas instabilidades emocionais e ocupacionais desenvolvidas através do exercício de sua função que por vezes requer grande capacidade de controle da psique inerente ao ser humano.

Ao entender que o policial na rua é um agente do estado e que em suas atuações assume o papel da intervenção na sociedade de modo que esta se sinta segura e protegida. Este trabalho justifica-se, uma vez que, a responsabilidade do policial militar traz graves consequências à saúde mental do mesmo e culmina como um dos principais motivos para a sua desestabilização.

Para a Polícia Militar do estado de Goiás se mostra um tema de válida importância no contexto organizacional da instituição como um todo, primando por preservar a saúde e sanidade de seus servidores e assim melhorando o desempenho da função institucional dos mesmos. A metodologia utilizada no presente trabalho consistirá em revisão bibliográfica analisando diversos estudos e temáticas frequentes à produção científica associada ao tema e expondo as mais diversas linhas de pensamento relacionadas ao assunto referencial deste artigo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

No país, a segurança pública sofre com uma triste realidade que demonstra o frequente e contínuo crescimento das mais diferentes formas de criminalidade e violência. Os métodos políticos que vem sendo adotados pelas polícias civis e militares tem se mostrado ineficazes e por diversas vezes ineficientes no combate desta situação (PONCIONI, 2005). São várias as críticas referentes à segurança pública em nosso país e em nosso estado, principalmente no contexto específico da atuação do policial. Nessa direção, essa pesquisa busca contemplar os aspectos inerentes a saúde mental de policiais militares, profissionais que arriscam suas vidas diariamente buscando cumprir sua missão que tem como principal objetivo a preservação da ordem pública. Assim trata-se de um tema relevante, tanto no contexto social, como acadêmico.

É considerado servidor militar, todo indivíduo que trabalha, permanentemente ou transitoriamente, nos serviços militares da administração da União e dos Estados. Assim, se pode afirmar que os policiais militares são profissionais de segurança pública que desempenham atividade no contexto estadual ou federal. Para exercer sua atividade de forma adequada, o policial militar deve lidar de modo eficaz com o conjunto de tarefas à ele empenhadas, não podendo negar-se à cumpri-las, mesmo que isso traga um dilema interior (GASPARINI, 2001; JESUS, 2001).

As relações de trabalho reverenciam à hierarquia militar como um dos fatores que pode prejudicar as relações de trabalho, pois esta deve estar atrelada com a adaptação do conteúdo das tarefas, às competências verdadeiras do trabalhador (PROTÁSIO, 2011). Porém, pode-se citar também a organização do trabalho como determinante nesse processo de adoecimento do profissional de segurança pública, contendo vários fatores secundários, podendo citar como exemplos o investimento ineficaz, ou a falta do mesmo, o que pode acelerar esse processo de degradação da saúde.

Diversos autores apontam que a atividade militar não se deve resumir apenas ao serviço executado diariamente, essa função também culmina em um constante estado de atenção e alerta, mesmo quando este profissional está em seu momento de repouso ou folga. Pode-se considerar assim, que a profissão do policial exige que o mesmo atue de forma intermitente no confronto contra os desvios de conduta e crimes da sociedade, defendendo assim os demais cidadãos (MIRABETE, 1998; GUIMARÃES, 1999).

Os policiais militares são bombardeados de influências de diversos elementos negativos que podem gerar abalo psicológico. Tanto o cansaço físico, quanto a falta de um certo equilíbrio emocional podem levar esses profissionais a se comportarem e a atuar de forma irracional no desenrolar de uma crise ou das situações caóticas. O militar tem como característica marcante a exigência de incontáveis sacrifícios, incluindo a própria vida, visto que o mesmo deve aprender a lidar com a morte de delinquentes, vítimas, e companheiros de trabalho, atentando-se também ao risco de sua própria morte (VALLA, 2000, 2002).

Em Goiás, ainda há poucas pesquisas desenvolvidas no âmbito estadual com os diversos batalhões da Polícia Militar, que podem permitir conhecer como o policial militar percebe e avalia a sua saúde mental e a necessidade de um acompanhamento psicológico.

2.1 ANÁLISE DA QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO POLICIAL

Segundo o decreto número 7.602 de 07 de novembro de 2011 que cria a Política Nacional de Saúde e Segurança no Trabalho – PNSST – versando que o mesmo tem como objetivo a promoção e melhoria da qualidade de vida do trabalhador e a prevenção de danos à saúde ou acidentes relacionados ao trabalho visando a eliminação ou redução dos riscos nesse ambiente.

Considerando que um dos princípios da PNSST é o que podemos chamar de universalidade, sendo a política o colaborador estratégico quando o assunto é relacionado à segurança e saúde do policial militar, pois esse profissional de segurança pública está diretamente exposto a incontáveis riscos ocupacionais que podem afetar diretamente a sua saúde e qualidade de vida. Porém a grande problemática desse campo é a determinação de nexo causal entre os transtornos mentais e os aspectos organizacionais da função. Embora seja bastante complicada a resolução desta incógnita, para melhor análise deste problema deve-se trabalhar os fatores de risco envoltos nesses transtornos psicológicos.

A qualidade de vida no trabalho, tem fundamental papel no propósito de se medir a saúde psicológica do policial em qualquer circunstância em que o mesmo se encontre, ou pelos episódios que este já passou. Não importa o caso, em qual setor, se homem ou mulher, mesmo

porque não se pode verificar nas polícias um programa específico para apoio psicológico, embora algumas possuam um aspecto positivo nesse contexto, visando um segmento específico em sua estrutura para cuidar de tal conceito (VIOLANTI, 1999). Considerando este trabalho do autor, entende-se que o simples ato de ser polícia, se auto vincula a uma atividade de grande cobrança institucional, risco ocupacional e voraz disciplina, que é sempre testada perante as difíceis condições de execução de trabalho.

Se ressalta então que o policial trabalha com variadas situações que lhe podem provocar a própria morte, ou a morte de terceiros, também o policial é o detentor do poder de decidir, verificadas as circunstâncias, sobre a morte ou a vida de outrem. Demasiado poder incumbido em sua atividade diária pode torna-lo incontrolável e complacente no desenvolvimento de suas atividades, puro e simplesmente por uma visão difundida do seu eu no mundo (SOUZA e MINAYO, 2005). Segundo o autor motiva-se que a saúde psicológica do policial em que conta com as mais diversas causalidades, precisa ser verificada de um ponto de vista de sua qualidade de vida no trabalho, montando um sistema de acolhimento reconhecido pela instituição, visando minimizar os estados agravados de estresse que estes profissionais estão submetidos.

2.2 RELAÇÃO DA POLÍCIA COM A SOCIEDADE

Não só em Goiás, como no país como um todo, persiste um estado conflitante entre sociedade e polícia, que desvaloriza a autoridade. De Sousa (2011) reflete que por mais que os agentes políticos cometam atrocidades na máquina pública, quando se fala de algo referente as autoridades policiais, a sociedade procura desvalorizá-los e rebaixar sua imagem, atuando de maneira contundente e se traduzindo em confrontos psicológicos e contraditórios na pessoa deste profissional de segurança pública, esse adoecimento é também consequência deste expoente.

Paulino (2014) faz um questionamento que consiste em, como falar do policial sem o relacionar à farda que o mesmo veste? O autor diz que não há como o desvincular dessa imagem explorada, seja essa imagem boa ou ruim. Como olhar esta pessoa como um humano comum sem o julgar por alguns atos. O mesmo reflete que questões desse cunho são influentes na saúde mental deste profissional, são perguntas sem respostas, por se tratar de um tema complexo. Os homens e mulheres cobertos por uma farda apesar de se mostrarem ríspidos e inabaláveis são pessoas comuns, são pais, mães, filhos, maridos, esposas, irmãos.

Entende-se que o mesmo que socorre a sociedade, também está passivo de precisar recorrer a um socorro, a diferença entre o fardado e o civil é que esse último sempre tem a quem

recorrer. Acaba por se tornar uma temática evidentemente intrigante, pois se mostra que o policial militar depende nitidamente muito mais de sua própria força e coragem, suportando os abalos psicológicos decorrentes de sua extenuante missão (PAULINO, 2014). Cita-se isso mostrando que o indivíduo a quem recorrem diante situação de perigo, nada mais é do que um ser igual à todos. Ele não tem superpoderes, não lê pensamentos, não tem visão de raio x, sendo um igual, ele está tão vulnerável ao sofrimento quanto outros que ao momento de desespero utiliza o seu telefone para discar o 190.

Um estudo do psicólogo Álvaro Antônio Nicolau diz que, a tarefa que este profissional realiza para garantir a segurança do cidadão, em tese, poderia ser executada por qualquer outra pessoa visto que, ele não é mais forte ou inabalável do que qualquer outro, mas parece acreditar ser, para desempenhar sua atividade como ninguém. O ato de universalizar o comportamento de alguns policiais dificulta uma visão ampla a respeito do sofrimento deste profissional, por existir um preconceito ligado ao seu comportamento onde este aparenta não sofrer. Por meio desta constatação surgem classificações como: brutos, arrogantes, corruptos, violentos, associados à figura policial, o que nos leva a questionar se todos são assim.

Segundo Boss (1981), o policial sofre, ele também é vítima de violência não só trabalhando, mas quando o mesmo esconde seu uniforme para que os vizinhos não descubram sua profissão, ele também é vítima de assalto, ele também tem contas para pagar, problemas familiares, medo de morrer, e ele também morre. O sentimento aliado à morte, se mostra como algo que acompanha todo indivíduo, incluindo também estes profissionais, principalmente por estarem em contato direto com este tema.

Os policiais costumam ser descritos como um grupo bastante fechado ao olhar externo. A desconfiança é uma ferramenta de trabalho útil e necessária para eles, essa desconfiança parece extrapolar os ambientes de trabalho e acaba sendo exercitada em suas esferas sociais (GRAEFF, 2006). Tal constatação permite mostrar a dificuldade ao se relacionar com estes profissionais visando assegurar sua saúde, o que pode explicar a dificuldade em se levantar dados para esta produção acadêmica. São pessoas com círculos sociais bastante restritos e resistentes a psicologia, mesmo que estejam passando por diversas complicações, os mesmos não as deixam transparecer, muito menos buscam tratamento.

Ainda segundo Graeff (2006), no âmbito da Polícia Militar visualizada como instituição, essa resistência impõe uma exponencial redução no número de profissionais atuantes, e isso fragiliza a imagem da instituição perante à sociedade, já que aquele que o protege, pode se demonstrar incapaz, fator que pode legitimar a vitória do crime.

2.3 O DESAFIO DA PSICOLOGIA NO CENÁRIO ORGANIZACIONAL

Yamamoto e Costa (2010) constatarem que a prevalência de atuação clínica ainda ocupa a grande maioria dos psicólogos. Este aspecto se mostra considerável no presente estudo, devido ao cenário desfavorável à efetividade da psicologia na Polícia Militar. Nessa discussão se pressupõe que a presença do psicólogo na instituição ganha sentido quando sua atuação se dirige para as questões da atividade exercida pela instituição. Para Tassinari (2012) a atuação clínica do psicólogo apenas no consultório exclui a potencialidade da psicologia.

Enriquez (1997) afirma que no ambiente das instituições militares tende-se a desenvolver o imaginário enganoso e não o imaginário motor. Por aumentar a capacidade de reflexão o imaginário motor se mostrava como uma ameaça para a organização visto que as regras de funcionamento ficariam expostas ao questionamento e à transgressão, o que não era o anseio da instituição. É esse contexto cultural que faz o policial militar se distanciar dele mesmo como sujeito. Ser lógico, racional, ser superior, não fracassar são propostas que compõem o imaginário do policial desde os primeiros contatos da carreira até a aposentadoria.

A exponencial exaltação da garra, da coragem e do heroísmo é feita através de canções, hinos e das verbalizações constantes incorporadas no dia a dia da organização. Cavazza e Resende (2002) ressaltam que a ideia do militar como um ser superior ao tempo é associada ao ambiente organizacional que este profissional está inserido. Esse ar de superioridade distancia o militar de uma possível relação de ajuda, não existe nele o reconhecimento dessa necessidade, então se cria um contexto que dificulta a procura de um psicólogo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao se observar a gama de pesquisas que, de diversas formas abordaram a temática da subjetividade e do sofrimento do policial, se pode notar uma evolução no extenso caminho traçado pelos estudiosos do tema, bem como o quanto ainda deve se percorrer rumo a um olhar mais humanizado e particular da questão da saúde mental desse trabalhador. Se pode dizer referente à este tema, que, se criam mais dúvidas do que respostas, expostas a complexidade de sua atuação, bem como as dificuldades que esses profissionais passam ao entrar em contato com questões tão difíceis. Boss (1981) proclama que essas questões incluem a proximidade com a morte, a violência entre os semelhantes, as grandes expectativas depositadas sobre eles, seja pela população ou por si mesmos, e a eminente impotência perante circunstâncias que

diversas vezes independem de sua atuação. Todos esses são fatos passíveis de serem desconsiderados em nome das circunstâncias de suas rotinas, o que pode fazer esse profissional negar o seu próprio sofrimento em prol da segurança pública.

Se trata de uma temática de estudo ampla, com pesquisas mais frequentes a partir dos anos 90 e em meados dos anos 2000 conforme pode ser percebido no relato dos estudos publicados, em que apesar das características pertinentes ao sofrimento desenvolvido concomitante com sua atuação serem sempre presentes, parece não haver muito interesse da comunidade acadêmica sobre o tema de forma geral. É interessante constatar que as variáveis no trabalho policial são sempre as mesmas, mesmo quando eram desconsideradas. O que se mostra diferente é o olhar dos pesquisadores, que mais recentemente se voltam mais à questão da saúde mental dos profissionais de segurança pública. Enriquez (1997) preconiza que o mundo dos policiais não mudou, o que mudou foi os olhos que se têm para ele, ainda que considerando os baixos índices de violência de antigamente onde podia se dizer que não eram tão alarmante quanto os atuais, ainda assim, o policial daquela época também estava mais sujeito a essa violência do que os cidadãos de forma geral. Isso mostra que, o fato de ser policial sempre teve a si associado o perigo, a tensão e o estresse para com o próprio indivíduo ou para aqueles que o cercam.

O expressivo aumento da violência que mais tarde começa a ser tratado como questão de saúde pública e vem acabando com parcelas significativas da população mais jovem, também pode ser apontado como um fator que leva os pesquisadores a enfatizar mais a necessidade da psicologia no auxílio do sofrimento policial, já que esse profissional, pelo fato de estar em contato direto com as ações da população, sejam elas boas ou ruins, tem o poder de marcar todos aqueles que dependem de seus serviços mesmo que indiretamente. O número de pesquisas com enfoque qualitativo ainda é bastante inexpressivo, o que abre um paralelo que cabe a discussão a respeito das dificuldades de se trabalhar alguns temas dentro do ambiente policial. Pesquisas quantitativas tem uma validade que não se pode contestar, mas ela deixa de considerar o policial em sua subjetividade o que mostraria melhor o motivo deste profissional ser resistente quanto ao auxílio no campo psicológico.

Cavazza e Resende (2002) segue o entendimento de que ao propiciar que o policial entre em contato com questões delicadas, se deve pensar na forma como isto vai atingir não só seu desempenho profissional mas como no seu bem estar psíquico como um todo, pois vale ressaltar que a negação se mostra um mecanismo de defesa inconsciente, que busca proteger o indivíduo de verdades que ele acha não conseguir suportar. Não é possível abrir feridas sem que as mesmas possam ser tratadas. Ainda relacionado à provável dificuldade em se ter dados qualitativos, não se pode ignorar que os protocolos disciplinares e de hierarquia inerentes às

instituições policiais também pode se constituir como um empecilho na implantação de pesquisas neste campo, já que estas situações exigem tempo e dedicação maiores considerando a dimensão da pesquisa.

Atualmente há bastante o que ser feito no campo da psicologia e saúde mental do profissional de segurança pública, porém, ao finalizar essa revisão bibliográfica, a impressão crescente é que aos poucos o tema vai conquistando seu lugar nos campos de estudo e que tal tema precisa ser amadurecido dando origem a um conhecimento científico que possibilite de forma mais prática as ações de intervenção objetivando a diminuição dos impactos do trabalho na saúde mental dos policiais. Se mostra que este profissional precisa ser observado em suas particularidades, pois seu papel é crucial e tem poder decisivo sobre o bem estar social como um todo, e isto não pode ser ignorado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possibilitou o estudo mais próximo buscando a compreensão da importância da psicologia na carreira do policial militar do estado de Goiás onde fica claro que o ser humano é bastante complexo, ele é sem dúvida o elemento mais intrigante da nossa natureza, em que pese este ser um profissional policial militar, num primeiro momento visualizamos a singularidade de cada indivíduo, situações e ambiente. Fica claro que não se pode limitar o tema a um local, pessoas ou grupo, porém, este artigo procurou reunir informações e estudos úteis para a Polícia Militar do Estado de Goiás. A revisão bibliográfica sobre o tema foi bastante produtiva no sentido de que várias teorias sobre o assunto foram levantadas inserindo a pesquisa em um âmbito de muitas possibilidades de diagnóstico do sofrimento psicológico mas que se depara em uma certa dificuldade de posicionamento diante de tantas teorias.

Devido ao alto risco que envolve a profissão, o policial militar deveria se atentar com cautela na prevenção e preparação não só de seus aspectos físicos, mas principalmente de seus aspectos emocionais para o melhor desempenho de sua função. Assim se diz que o policial militar ao portar uma arma de fogo tem a possibilidade de preservar ou de aniquilar uma vida, as intervenções policiais mal sucedidas poderiam ser evitadas se houvesse uma maior atenção à saúde mental deste profissional. Deste modo longe de esgotar o assunto sobre a importância da psicologia, esta obra procurou entender e lançar luzes sobre o assunto naquilo que é um dos pilares da sociedade, a segurança pública.

O sofrimento mental dos policiais do estado de Goiás não é diferente dos vivenciados por policiais militares de outros estados, nem suas causas são diferentes das já especificadas pelos diversos autores que tratam do tema. Mas a falta de interesse pela busca da solução para o problema é um fator que se mostra evidente, a grande questão dessa problemática é a inexistência de um mecanismo de verificação sistêmica que possa identificar o aparecimento de fatores que possam prejudicar a execução da atividade do policial militar, evitando assim o acometimento crônico deste profissional.

REFERÊNCIAS

BOSS, M. Angústia. **Culpa e Libertação**. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

CAVAZZA, B. I. S; RESENDE, M. A. **O policial-militar e a violência: de agente a vítima**. Revista Psicologia – Saúde Mental & Seg. Pública. Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 51-56, jan./dez. 2002.

DE SOUSA, Reginaldo Canuto. **Uma análise da história da segurança pública Brasileira**, V Jornada internacional de políticas públicas. São Luiz. UFMA, 2011.

ENRIQUEZ, E. **A Organização em Análise**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

GASPARINI, D. **Direito Administrativo**. São Paulo: Saraiva, 2001.

GRAEFF, B. P. **O policial militar em tempos de mudança: ethos, conflitos e solidariedades na Polícia Militar do Estado de São Paulo**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília, Brasília. 2006.

GUIMARÃES, A. F. **O contrato de trabalho do policial militar**. Revista Direito Milita da Associação dos Magistrados das Justiças Militares Estaduais, Florianópolis, v. 3, n. 17, p. 6-8, mai./jun. 1999.

JESUS, F. **Psicologia aplicada à justiça**. Goiânia: Editora: AB, 2001.

MIRABETE, J. F. **Processo Penal**. São Paulo: Atlas, 1998.

PAULINO. **O adoecimento psicológico do policial militar do Ceará**. Revista Trabalho e Sociedade, Fortaleza, v.2, n.2, Jul/Dez, 2014, p.58-77.

PONCIONI, P. **O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro.** Sociedade e Estado, v. 20, n. 3, p. 585-610, set./dez. 2005.

PROTÁSIO, Isabela Siqueira. **Saúde mental do trabalhador policial militar da Radiopatrulha.** V Colóquio Internacional, “Educação e Contemporaneidade”. Sergipe, 2011.

SOUZA, E. R.; MINAYO, M. C. S. **Policial risco como profissão: morbimortalidade vinculada ao trabalho.** Ciência e Saúde Coletiva, v. 10, n. 4, p. 917-928, out./dez. 2005.

TASSINARI, M. A. **Desdobramentos clínicos das propostas humanistas em processos de promoção da saúde.** Revista Estudos e Pesquisa em Psicologia, Rio de Janeiro. v. 12, n. 3, p. 911-923, 2012.

VALLA, W. O. **Ética e a atividade do policial militar.** Revista Direito Militar da Associação dos Magistrados das Justiças Militares Estaduais, Florianópolis, v. 4, n. 21, p. 5-6, jan./fev. 2000.

VALLA, W. O. **O compromisso e as implicações deontológicas para o militar de polícia.** Revista Direito Militar da Associação dos Magistrados das Justiças Militares Estaduais, Florianópolis, v. 7, n. 37, p. 10-14, set./out. 2002.

VIOLANTI, J. M. (1999). **Padrões de estresse no trabalho policial: Um estudo longitudinal.** Revista Unidade - Revista de Assuntos Técnicos da Polícia Militar, 21(37), 19-27.

YAMAMOTO, O. J.; COSTA, A. L. F. (Orgs.). **Escritos Sobre a Profissão de Psicólogo no Brasil.** Natal: EDUFRN, 2010.